



II FÓRUM TERRITORIAL DE CULTURA DA CHAPADA DIAMANTINA

RELATORIA

17 e 18 de novembro de 2022

II FÓRUM TERRITORIAL DE CULTURA DA CHAPADA DIAMANTINA

Cidadania Cultural "Identidade, Territorialidade e Diversidade"

Realização



Apoio



SECRETARIA DE PLANEJAMENTO

SECRETARIA DE CULTURA

Realização



Apoio



SECRETARIA DE CULTURA

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO



1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O II Fórum Territorial de Cultura da Chapada Diamantina, realizado em Seabra, no Campus XXIII da Universidade do Estado da Bahia, nos dias 17 e 18 de novembro, acolheu fazedores de cultura dos 24 municípios da Chapada Diamantina, além de representações de outros sete Territórios de Identidade. Foram recebidas 150 inscrições e emitidos 116 certificados de participação no evento.

Durante dois dias artistas, gestores, estudiosos dividiram o palco e compartilharam seus entendimentos sobre as políticas culturais, principalmente, mas não somente do território. O evento foi um espaço de reencontro, trocas de afetos e debates sobre as perspectivas para o setor cultural, após um período pandêmico e de crise profunda no setor cultural, reflexo dos últimos seis anos da política federal.

A fala inicial, de Emílio Tapioca, diretor geral do evento, Representante Territorial de Cultura (RTC – Secult) e integrante da Câmara Técnica de Cultura da Chapada Diamantina, trouxe a importância da implementação e consolidação da política pública da Cultura em torno do pacto federativo do Sistema Nacional de Cultura. “Sobretudo quanto aos Sistemas Municipais de Política Cultural, a compreensão e valorização dos pilares fundamentais da Cultura, o fomento da identidade, da territorialidade e da diversidade sócio cultural desta nação frente a sua tridimensionalidade simbólica, econômica e cidadã, das garantias constitucionais de acesso aos bens e serviços culturais.”

Um ponto que se exalta nas falas é a conjunção Cultura e Educação. O fato da Universidade Pública acolher o encontro reforça ainda mais essa parceria. Está também nas falas a necessidade de avanço das instituições públicas da Cultura, a nível municipal, estadual e federal, do entendimento de cultura. No caso da Chapada Diamantina, a comunidade presente coloca a necessidade de superar a patrimonialização de símbolos do colonialismo. É urgente que se entenda a cultura camponesa como o centro das ações de resistência cultural desse território.

Temos esperança que os novos rumos da política nacional, somado ao que se coloca pela população da Chapada Diamantina, contribua com os caminhos de elaboração das políticas culturais democráticas, decoloniais e efetivas para os processos de justiça social.

Joana Crivelente Horta

**JORNALISTA, MESTRE EM MUDANÇA SOCIAL E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA, DOUTORANDA EM CULTURA E SOCIEDADE.
COORDENADORA DE PROJETOS NO COLETIVO ELA.**

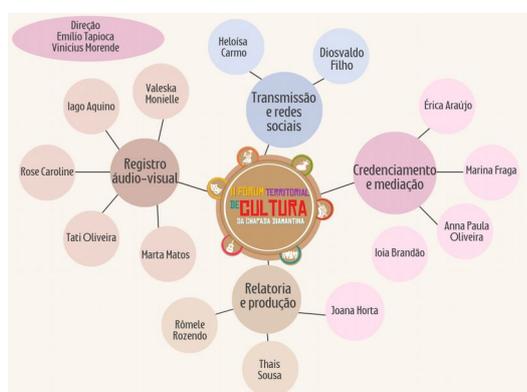


2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia para a realização da relatoria foi de acompanhamento em tempo real de todas as falas do espaço Arena Cultural. As falas deste espaço foram gravadas e as gravações foram utilizadas para complementações e inserção de citações parcialmente ajustadas. As falas com registro sonoro foram colocadas no relatório em primeira pessoa, ainda que tenham sido parcialmente ajustadas ou sintetizadas. As falas sem registro sonoro foram colocadas em terceira pessoa. O primeiro dia foi gravado em sua totalidade com equipamento de gravação de áudio ligado à mesa de som. Ficou registrado o que foi falado ao microfone. O segundo dia teve apenas parte da manhã e da tarde gravadas, por falha no equipamento.

Cantigas e reverências estão colocadas neste relatório em itálico. Os nomes e cargos dos palestrantes estão em negrito. A relatoria foi realizada com apoio dos estudantes de jornalismo da Uneb Seabra, Rômele Rozendo e Taís Souza, com apoio técnico do professor do Jornalismo Dr. Vinicius Morende. O material produzido foi editado, complementado e revisado por Joana Horta, coordenadora de produção do Fórum Territorial de Cultura. A relatoria foi realizada com apoio das empresas contratadas “Arte Quilombo” e “Espaço Livre Audiovisual Chapada Diamantina”.

A direção do II Fórum Territorial de Cultura foi de Emílio Tapioca, a coordenação de produção de Marina Fraga, Joana Horta e Ioia Brandão. A produção executiva foi de Vinícius Morende e Emílio Tapioca. A produção do evento teve a participação de Rose Caroline Oliveira (Produtora), Érica Araújo (Produtora), Diosvaldo Novaes Filho (Produtor), Maiara Luane Domingues (Assistência de produção), Tatiane Oliveira (Fotógrafa), Iago Aquino (Captação Audiovisual).



**ORGANOGRAMA EQUIPE DE PRODUÇÃO
II FORTE CULTURA CHAPADA DIAMANTINA**



3. 17 DE NOVEMBRO DE 2022

Às 8 horas e 30 minutos, do dia 17 de novembro de 2022, teve início o II Fórum Territorial de Cultura da Chapada Diamantina (ForTeCultura-CD), com a realização do cadastramento, entrega de crachás e acomodação dos participantes, no campus da Uneb-Seabra.

ÀS 9H20 DEU-SE INÍCIO A ABERTURA "CIRANDA DA DIVERSIDADE QUEM SOMOS?"

A mística de abertura, protagonizada por representações indígenas presentes, foi a realização de um Toré com cantos sagrados, apresentados por Tapuias e Payayás, na representação de **Hildete Tapuia** e **Edilene Payayá**. A comunidade presente acompanhou o Toré em pé e acompanhou os cântigos.

Yaci é meu caminho, ilumina esse lugar, Yaci é meu caminho, ilumina esse lugar, se o caminho tem espinhos, tem Yaci pra iluminar”, canta Edilene Payayá.

Hildete Tapuia pede licença aos ancestrais para representá-los, desejando a todos a todos e a todas um bom dia e um bom encontro. *“Camunguerê, Camunguera, Tupam di Ybiara di matureiba. Di matureiba, Di matureiba, hei hei hei iaiangá”,* canta Hildete.



HILDETE TAPUIA, RIACHO DAS PALMEIRAS – SEABRA FOTO: TATI OLIVEIRA



“Eu moro na caatinga, eu moro no lugar, aonde a mata é branca é terra de Payayá”, Canta Edilene.

“E ande, ande, o anda, o caminho do Ajucá, o caminho do ajucá o einahê”, canta Otto Payayá.

A palavra é passada a Fátima Sodré, como representante da Universidade do Estado da Bahia, campus XXIII, Seabra inicia as falas colocando a honra, alegria e realiza o de estar recebendo o encontro, que representa um momento de diálogos, com um conteúdo tão importante para o território, que é o tema da Cultura.

A palavra é passada a Hildete Tapuia que coloca o prazer de estar com povo Tapuia, pela primeira vez. Por ser a primeira vez se coloca como aberta para partilhar o que puder. Coloca que é preciso colocar em pauta as necessidades e prioridades para a cultura. “Quando a cultura sai de nós, é como se a gente perdesse a arte de nós. A cultura à vida! Para o povo Tapuia é primordial a preserva o. Fico feliz em receber o convite e agradeço a casa que nos acolhe e a quem veio.”

A palavra é passada para Edilene Payayá. “Sou liderança indígena, cineasta, com dois curta metragens, formada pela Escola Livre Audiovisual. Quando fui convidada fiquei muito feliz por estar ao lado da minha parente Hildete, pra mostrar que desde 1994 estamos em busca de nossa identidade indígena Payayá. Sei que é um processo difícil. Nós Payayá acolhemos os Tapuias desde o início. Para nós não foi assim, não tivemos essa abertura inicial. Por séculos os Payayá foram considerados extintos. Engano! Estamos vivos e atentos, dispersos entre a roça e cidade. Por conta desse entendimento de extin o, tivemos dificuldades de sermos reconhecidos até pelos nossos parentes. Mas chegou um momento, entendemos que era hora e começamos a buscar apoio na literatura, com entrevistas com os mais velhos, e assim nós conseguimos. Todos sabem que temos muito na oralidade, mas hoje nós já conseguimos fazer nossos relatos, nossos filmes pra deixar pras futuras gera es. O povo Payayá   da Chapada Diamantina, com muito orgulho! De políticas públicas, tivemos como atividade no nosso território um viveiro, pra produ o de 60 mil mudas. Essa experiência foi muito interessante porque conseguimos mapear 45 espécies de mudas nativas e 75 espécies de medicinais, sendo Otto Payayá responsável por esse conhecimento e benef ciamento.



Fizemos ainda a limpeza da barragem e o recaatingamento. Depois de todos esse processo fizemos visitas em Brasília, na Colômbia, em Utinga, Morro do Chapéu. Também temos nosso artesanato. Nós conseguimos o território sem confrontos, uma área de 95 (ha) na cabeceira do Rio Utinga. Jerônimo, atual governador, esteve no nosso território para firmar esse acordo. Hoje temos dois projetos da CAR, do Bahia produtiva. E temos uma foto onde muita gente pode se reconhecer, que eu trouxe até para homenagear vocês; Tapioca, Sirlene, muita gente aí. Temos então que mesmo com todas as lutas veio o reconhecimento. Em 2014 recebemos o reconhecimento por escrito, teve uma festa em Rodelas, 14 + 1, o mais 1 eram os Payayá reconhecidos definitivamente. Somos hoje guardiões da semente crioula. Dirijo a minha palavra a minha parente Tapuia, eu sei que cada etnia tem sua forma de agir e pensar, mas vá em frente, terão sempre o nosso apoio. Que a gente sirva de exemplo para quem esteja iniciando.”

A palavra é passada a João Alberto Souza, representante do Colegiado de Desenvolvimento Territorial (Codeter) Chapada Diamantina. “Emílio Tapioca me pediu para que falasse sobre território e territorialidade. Essa estratégia de desenvolvimento territorial se iniciou em 2003, no ministério do desenvolvimento agrário, buscando uma alternativa para escutar o povo do campo, de povos e comunidades tradicionais, que se juntassem, escolhessem um recorte e colocassem as pautas culturais, ambientais desses espaços. Foi criada uma secretaria de Desenvolvimento Territorial, para trazer para representantes do governo o que era o ‘desenvolvimento’ para esses territórios. Vários nomes importantes, como Sachs, Tânia Bacelar, Favareto, Abramovay, entre outras pessoas discutiram isso. Não é possível desenvolver socialmente se não tiver um cunho cultural grande e uma identidade entre as pessoas. Emílio Tapioca foi a figura de articulação que foi constituída naquele momento para trabalhar na criação do território de identidade, que iniciou-se com 84 municípios. Parte desses municípios foi se subdividindo, como o Piemonte da Chapada Diamantina, Bacia do Paramirim, buscando sua própria identidade cultural. Hoje temos 24 municípios no Território. Em 2007 Jaques Wagner também adotou para o planejamento territorial o mesmo recorte e coloca-se o nome ‘Territórios de Identidade’. Até então a divisão adotada era a de ‘Territórios Rurais’ e servia para a estratégia do desenvolvimento rural. Começamos a trabalhar com a Secretaria de Planejamento e criou-se uma estrutura chamada Coordenação Estadual dos Territórios e começamos a fazer articulações mais avançadas do Estado, buscando ser ouvido pelo estado e a participação de cada território. Contribuímos no PPA 2008-2011 e demais PPAs. De lá para cá chegamos ao ponto de contribuir nos planos de governo utilizando a questão dos ‘Territórios



de Identidade’. Se os governos têm acertado nas políticas públicas, é porque a sociedade tem contribuído em espaços como este. Se continuarmos caminhando como estamos chegaremos em um lugar digno de se viver, além de bonita de se ver.”

A palavra é passada a Carlos Eugênio Pires Costa – Coordenador do Colegiado de Desenvolvimento Territorial (Codeter) Chapada Diamantina. “Venho de uma comunidade Quilombola e estou na Coordenação do Território já pelo segundo mandato, estou aqui para aprender. Desejo que sejam todos bem-vindos ao nosso território”.

A palavra é passada a Fátima Sudré, da UNEB DCHT XXIII. “Eu estou nessa casa desde 16 de fevereiro de 1986, quando ingressei estudante, filha de um trabalhador rural analfabeto e de uma professora primária, de uma comunidade de Canarana. Segui minha trajetória e aqui estou representando Renata Nascimento, diretora do Campus XXIII que por um acidente esteve impossibilitada de estar presente. Quero dizer que essa casa é nossa e precisamos fortalecer essa casa. Sabemos que foi a Uneb quem popularizou o Ensino superior em todo o Estado da Bahia. Temos um espaço físico e estamos chamando vocês para fortalecer nossa voz. Queremos ter um espaço digno para receber encontros como esse. Conclamo as comunidades tradicionais aqui para saberem do valor dessa universidade pública, com auditório digno, espaço administrativo, salas de aula, pra deste nosso espaço de lutas e conquistas. Temos que ter novos cursos, formando as pessoas com o pé no chão, em diálogo com todos os povos, etnias. Temos que, todos nós, estarmos presentes nessa formação. Precisamos fortalecer e dar espaços a esses movimentos que hoje estão acontecendo em nossa universidade.”

A palavra é passada para Emílio Tapioca, Representante Territorial de Cultura (Secult) e membro do Codeter. “A benção a cada uma e cada um e a todos que vieram antes de nós e que estão por vir. Saímos de um processo muito complicado, uma pandemia e um desastre político. Graças a Deus emergimos de uma situação avassaladora. Minha fala vai em torno de cidadania cultural. Eu só consigo entender pessoas a partir de suas identidades, das suas territorialidades e diversidades. É nesse tripé que pensamos o início do Codeter, da composição e permanência da Câmara Técnica de Cultura desse Território, que é uma forma de resistência. Preciso agradecer a Marina Fraga, a Joana Horta em nome da ELA (Escola Livre Audiovisual), a Vinicius Morende, A Uneb, na pessoa de Diosvaldo Filho. A ideia é sairmos daqui com uma minuta de um plano



territorial de cultura. Este é o segundo ForTeCultura, de lá sofremos algumas abalos. Temos uma plataforma, peço pra que entrem lá e façam suas contribuições. Precisamos nos compreender como cidadãos, aprendi isso com Herbert de Souza. Betinho diz que cidadão é aquele que propõe, preciosa e cobra o tempo inteiro, mas que faça isso com respeito ao outro. Temos que pressionar o tempo todo os poderes constituídos. Estejam aqui para propor, precionar e cobrar. Ele se resgata hoje, mas permanece aberto.”

A palavra é passada a Lila Silva, assessora de Gabinete da Secult. “A superintendente Ana Teixeira não pode vir porque está com Covid. Tapioca traz a questão do Estado. Eu nunca vou entender como as pessoas pensam o Estado com todo esse poder. O servidor pública está para servir ao público. As políticas públicas têm que sair disso aqui. Passamos por m período difícil. As comunidades indígenas sendo esterilizados. Hoje estamos esperançosos. Viva a volta da democracia, mas isso só não basta. Mas, por melhor que sejam as intenções da política pública, a sociedade tem que lutar pelo que quer e como quer. Esse é princípio e o papel desse Fórum. A gente não constrói política sem amor! Me coloco à disposição, mas estou aqui para ajudar.”

A palavra é passada para Márcio Griô, Grãos de Luz e Griô. “Trago meu Maracá, parte de minha ancestralidade. - *A lenha da Jurema é difícil de Queimar, ô jureminha, ô Jurema.* A bença de *Irmã Rosa*, da comunidade da Jurema, em Dom Basílio, no pé da serra de Rio de Contas, de onde vim. Dali meu bisavô indígena desceu a serra de pés descalços, no final do Século XIX, um símbolo de invasão das terras da Chapada Diamantina e de violência com os povos originários, mas meu ancestral resistiu. Eu conto isso porque isso tem completa relação com as políticas culturais, se a gente não reconhece a questão da terra, do território, a gente não pode fazer nenhum tipo de política, ou fazemos legitimando essa história. Estou nesse lugar de fazer uma leitura de contexto. Em cinco minutos é difícil então temos que escolher alguns elementos. Quero fazer uma referência para o momento cultural 2003. Temos vários aspectos parecidos como o que vamos ter agora, e outros que não porque já fizemos uma caminhada de lá pra cá. Temos um governo que se instala com o compromisso de uma reformulação. Uma outra perspectiva de envolvimento das bases sociais, de promover uma mobilização e escuta. Aponto o Cultura Viva, que espero que esteja dentro do Plano do Governo de 2023. O Cultura Viva, na época, foi um processo de sentir e contruir os comitês, de você ir nas bases. Não adiantar ir na base, ter um monte de propostas. O desafio das gestões é encaminhar as propostas. Pensando o formato do Fórum, se for novamente perguntar pras



peças, sem olhar o que já foi construído, é um desserviço. Chegamos então nesse consenso de ter um sistema, onde você pode olhar o que já tem, reforçar ou dar novas contribuições. Eu tive a honra de participar da escrita do Programa Cultura Viva. Célio Turino tinha uma secretaria sem recurso nenhum, mas em 2023 a gente entra já com Leis aprovadas e valores históricos. No meu caso, no projeto que desenvolvíamos, que era o Grãos de Luz e Griô – faço uma pausa para pedir uma saudação a Uilami Dejan, liderança política e atual presidente do Grãos de Luz e Griô – *palmas* – uma pessoa com quem aprendo muito. O Grãos de Luz e Griô, que era uma experiência de base, foi uma experiência de inspiração para complementar o programa Cultura Viva. Ao invés de eu estar em um cargo público, continuei dentro do movimento social e daí nasceram os pontões. Entro nesses detalhes, pra mostrar que quando tem uma prioridade na base ela acontece. O programa Cultura Viva foi construído com os pontos de cultura e pontões, para agregar uma rede. Na época foram 750 mestres. Tínhamos o cartão griô. Articulamos orçamento de 6 milhões, mestres e aprendizes recebiam, articulados com a educação. Montamos uma estratégia política. Foi o maior programa de organização com as comunidades tradicionais até 2010. Essencialmente, dentro das referências da tradição oral, que bom a gente começar esse momento com um Toré. Convido a todos a ficar de pé para um canto aqui da nossa terra, pra trazer afeto, pois não se constrói política sem amor. *Metade do público olha para a outra metade, cada grupo faz um canto para a outra. Peço a benção a Dona Tila, Picopeu, que me ensinaram essa Chula. O grupo faz – ô gavião peneira, ô iaia lá em cima do lajedo, ô iaia. O outro grupo – Eu vou buscar o meu amor, que sozinha ela tem medo. Os presentes reproduzem os cantos, dirigindo os versos uns aos outros.* A gente constrói política com o corpo, com amor. Volto para minha fala sobre o contexto. A questão da divisão de classe é desde a chegada dos colonizadores, quando se começa um processo de violência dos povos originários. Houve uma escalada de violência e agora precisaremos de muito amor, sabedoria e inovação para a reconstrução da nossa política cultural.- *Adeus adeus, não pego na mão de todos, se pegar na mão demora.*

A palavra é passada para Joana Horta. “Eu fui acolhida pela família Payayá durante a Jornada de Agroecologia e Teia dos Povos e convido a todos a sentir a retomada. Vistem a feira, onde tem produtos dos Payayá, temos artesanato, alimentos. A feira de agroecologia da Uneb é fruto de um trabalho autogestionário, que trás todos os meses a produção camponesa pra dentro da Universidade. Temos que ocupar a Universidade não só hoje”.



A palavra é passada para Juvenal Payayá. “É uma satisfação enorme recuperar esses anos perdidos na história dos povos tradicionais. Foram anos perdidos e torno da construção de uma ideologia que nos fortalecesse o amor pela terra, uma construção em cima da teoria do Bem-Viver. Toda essa teoria foi de água abaixo. Esse território tem muito a ver comigo. Meus poemas são em cima da Chapada. Luto para que a forma geopolítica de divisão administrativa volte atrás. Precisamos sentir a responsabilidade. Tem algum prefeito? Vice-prefeito? Delegado de Polícia? Estamos construindo esse território com nossa raça, com nosso canto. Se não tivermos força de produzir nosso cinema, não faremos. Não precisamos que ensinem a gente como faz cultura. Me impressiona ver essa liderança negra do território bater no peito e dizer, sou eu aqui o chefe! Eu vejo as condições objetivas pra que a gente avança. Cada grupo tem suas necessidades. Vou fazer um apelo. Não me chamem mais, enquanto não forem no meu território. Temos que aprender a construir juntos. Vamos tomar conta, não pra invadir a governaria, temos que dar apoio, mas vamos marchar juntos pra cobrar as políticas que nós identificamos. Nós precisamos pescar, precisamos de estradas, precisamos de escola e tudo isso é cultura. Onde já se viu a gente ter que comprar peixe Curitiba? Então eu trago um poema: - *Ah, se eu pudesse falar, num poema um sentimento, porém o que mais lamento é não ter consentimento só pra desabafar, vendo o nordeste queimado, fiquei tão aperreado, e comecei a me lembrar vendo aquela desgraceira, pensei em tanta besteira, ah se eu pudesse falar! Eu falava, falava do chão torrado, dos guris de bucho inchado, da morte triste dos gados sem ter nada pra comer, falar dos retirantes, que como judeu errante, vive a vagar sem destino, pega um desses pau de arara e vai pras capital, com promessa de melhorar, mas que quando chega no rio fica morrendo de frio sem poder se agasalhar, Falava dos doutorados, que ganham a vida sentados, que ganha nas eleições promete fazer açude, depois oh eu não pude ver ainda essa questão. Ah se eu pudesse e se meu dinheiro desse, e eu chegasse a der doutor, mas doutor com autoridade, pra mandar sem piedade, acabar um por um desses doutor. Luiz Vieira”*

O microfone é aberto, com a orientação para que representantes locais da cultura assumam a fala.

A palavra é passada para João Weber – Caete-Açu -Conselheiro Municipal de Cultura de Palmeiras. “Saúdo a todos e todas envolvidas na produção, muito bem recebido. Queria aproveitar para falar da realidade cultural de Palmeiras. Agradeço ao povo originário. Sou pesquisador da cultura tradicional. Queria tocar no ponto do Conselho. A gente desde 2020, com a emergência da lei Aldir Blanc vimos se reativando os conselhos na Chapada, principalmente para ter os recursos.



Minha concepção de Conselho vai para além dessas leis abertas, coma esperança de que as leis serão efetivadas. Trago o lema do sem medo de ser feliz fazendo cultura. Muito tempo a gente teve medo de fazer cultura, aqui a questão do quem indica é muito forte. Temos a esperança da transparência para cultura.”

A palavra é passada para Evanice Lopes, do Conselho Estadual de Cultura – Piemonte da Chapada Diamantina. “Nós hoje estamos mais para ouvir do que pra dizer. É preciso descentralizar a cultura e trazer para o interior. Sou Conselheira do Piemonte da Chapada Diamantina. Vamos brigar pelos territórios indígenas. A descentralização é primordial para fazer a cultura. O Conselho Estadual de Cultura é uma luta constante todos os dias principalmente para superar os egos. Fui avaliadora do projeto Cultura da Palma da Mão, 600 propostas cada uma mais linda que a outra. Temos projetos bons na gaveta desabilitadas por besteira. É responsabilidade todos ajudar a tirar esse projetos da gaveta. Eu sou mulherm negra, pequenininha, mas cheia de ousadia pra gente lutar junto esse 2023. Os tempos são outros, vamos aliar a esperança ao processo de humanização, pertencimento, vamos ter voz em todos os momentos. Quem faz cultura é o povo. Não adianta projeteiros de plantão, vamos formar e qualificar quem realmente faz cultura, pra que a gente não escute: - *Eu faço Reis tem 30 anos e não consigo um edital*. Conselheiro tem que ter a responsabilidade de defender a sociedade civil. Conversem, cobrem, para que a voz de vocês sejam ouvidas. A câmara de patrimônio resgatou projetos na gaveta dos povos de santo. Fomos a Bom Jesus da Lapa fazer a patrimonialização da Romaria da Fé, para respeitar o Romeiro. Esses processo de empatia é necessário para que possamos realmente colocar as bandeiras. Deixarei na mão da coordenação uma proposta para nortear uma construção sólida das políticas públicas. Com respeito ao povo quilombola, um povo que tem que se assumir, os povos ciganos também. Os indígenas, não tem cabimento, não ter um território de identidade indígena. Os tempos são outros, mas a briga segue para democratizar e descentralizar. A cultura não pode ficar na região metropolitana. Precisamos ouvir a experiência da ancestralidade. No momento a sociedade civil está anêmica. Me sinto honrada de estar aqui. - *Ehei, tucunaré, traíra, jundiá, mussum, curimatã, eu quero navegar. Mareia, mareia, brilha o sol com as estrelas é lua bonita no rio Payayá*. Todos cantam”.

A palavra é passada para Elce Emanuela Aparecida Ramos de Novaes dos Santos – Educadora, Palmeiras. “Eu sou filha do Riacho do Mel, hoje milito na educação pública de Palmeiras e Seabra. Eva traz a esperança eu trago Freire. Porque esperança sem ação é espera. E nós



vamos esperar hoje e amanhã. Estou aqui representando a educação e acredito que não existe cultura, nem educação se não estão de mãos dadas. Eu falo aqui como articuladora de um Coletivo que nasce timidamente. Temos aqui o grupo de jovens de Jair Percursão. Olhem em volta e vejam onde está a juventude. Porque ela não está aqui compondo esses espaço? Esses coletivo “Jovem em Ação” nasce com o objetivo de incentivar o protagonismo juvenil, legitimar o lugar de fala dessa juventude, porque a gente muito mais censura do que estimula a fala da juventude. Precisamos parar para refletir sobre.”



EMÍLIO TAPIOCA E COLETIVO JOVEM EM AÇÃO FOTOS:TATI OLIVEIRA HILDETE PAPUYA E COLETIVO JOVENS EM AÇÃO

A palavra é passada para Tarcísio Lima, Conselho de Cultura de Wagner. “Wagner é riquíssima na sua cultura, mas seu povo não tem esse pertencimento. É uma cidade centenária, temos um patrimônio rico e bonito. No conselho não conseguimos trazer a sociedade civil para participar. As pessoas encaram o Conselho Municipal como um braço da prefeitura, principalmente pelas indicações das secretarias. Eu estou tentando quebrar esse paradigma. Raumi é nosso coordenador de Cultura, temos acessibilidade, trabalhar de braços dados é a maneira que a gente fortalece. Participar desses fóruns me fortalece em relação ao conhecimento. Aqui estou como aprendiz e quero voltar pra minha comunidade pra compartilhar esse conhecimento.”

A palavra é passada a Aragonzes Fagundes, cineasta de Morro do Chapéu. “Minha fala é nessa questão de descentralizar. Eu não sei quais as atividades culturais nas cidades vizinhas. É importante ter essa troca. Estou esperançoso na retomada da democracia plena. Agradeço de ver que meu município está presente, pensando a cultura nesses espaços. Precisamos fortalecer o território pra não depender da gestão municipal, pra conseguir fortalecer de fato a cultura. Temos representantes, Câmara Técnica, mas vejo distante. A própria estrutura não favorece o diálogo.”



A palavra é passada a Uilami Dejan, presidente do Grãos de Luz e Griô, produtor audiovisual de Lençóis. “ô me da licença pai Ogum, que eu vim vadiar no terreiro, quando eu chego no terreiro olha eu peço licença primeiro. Essa é uma canção do Jarê, cultura da Chapada Diamantina. Estou presidente da Associação Grão de Luz e Griô. A Lei Aldir Blanc ensinou muito pra gente. Queria saudar Lilian Pacheco, Marcio Caires e Shaolin Barreto. Em Lençóis criamos uma coisa interessante pros editais. Quando a gente tem um mestre que não teve a oportunidade de saber a escrita está em desvantagem. Minha sugestão pra investir mais em editais de premiação. A gente executou a Lei apenas através de premiação. Temos que reconhecer a tradição de quem está fazendo com recurso próprio. É um processo simples, conseguimos descentralizar mais de 100 mil reais. Premiamos pelo que já fizeram de uma forma simples.

A palavra é passada a Joana Horta, produtora audiovisual de Lençóis. “Complemento e trago uma experiência de descentralização. A ELA é fruto da Audir Blanc e buscou repartir o recursos emergencial com o maior numero de pessoas. E esse recurso chegou a 250 pessoas. É muito importante que quem tem acesso aos recursos quebre as burocracias.”

A palavra é passada a Bia Bastos, RTC Bacia do Paramirim. “Somos um território pequeno, com nenhum acesso a educação e como já foi pautado aqui, sem educação temos uma dificuldade imensa de formar nossos fazedores, temos muitos saberes que estão sendo perdidos. Todas as demandas que estão aparecendo. Temos Kid Will e Lila que tem ajudado. Sou filha de Macaúbas e como todos os estudantes que querem estudar tive que sair. Abracei a militância da cultura. É importante fazer esse diálogo entre os territórios. Enalteçam as conquistas. Pra nós os exemplos que vocês trazem são referências importantíssimas. Meu pedido é pra que a gente dialogue.”

A palavra é passada a Maria do Socorro Silva Guimarães “Nenza” - Diretora de Cultura de Ibitiara. “Em Ibitiara trabalhando com uma parceria entre secretarias, trouxemos nosso povo para esses espaços de escuta, de fala. Nossa cidade é pequena, com pouca movimentação na cultura. Conhecemos Shaolin através desses Fóruns. Nosso povo não sabe como acessar os recursos, então quando a agente tem essas ajudas facilita nosso trabalho. É importante ter assessoria para ajudar. Fui chamada pra fazer o resgate da cultura de raíz que estava esquecida. Na nossa cidade ainda temos pessoas que trabalham com tear. Essas Leis, como a Aldir Blanc estão ajudando a trazer de volta.



A palavra é passada a Ataídes Miguel da Silva, cordelista e conselheiro de Cultura de Ibitiara.

“Me chamo Atháides, baiano arretado, raiz da Chapada, sou filho do agreste, a terra do ouro é o chão que me veste. Amando a cidade repito e cantado, registro meus versos pra sempre lembrados, soltando no vento pra rima ecoar a nossa cultura precisa exalatar, chegando em todo endereço, dever de quem ama e tem muito apreço, nos dez de galope a beira do mar. Sou representante dos escritores no Conselho de cultura, eu me encantei pela literatura de cordel e pensei que essa é minha praia. Amo meu lugar. Estudo aqui na Uneb, faço letras. O cordel é a cara de nosso povo, nossa raiz. Na atual sociedade, o próximo é afronta, o egoísmo tomou conta, causando rivalidade. Trocando nossa irmandade pelo laço do poder, não dá para satisfazer o mal que vive vendendo, nosso mundo está morrendo por algo que ninguém vê. Vejo a verdade ocultada, mentira ganhando vez o certo vira talvez’, e a dúvida acertada torna espinho na estrada de quem não quer se corromper, não consigo compreender, nosso mundo está morrendo por algo que ninguém vê. Vejo na falta de respeito, muito racismo e abuso, palavras ditas em mal uso que machucam todo o peito, estampando preconceito, tão presente em nosso ser, pois até mesmo sem querer, a maldade vai nascendo nosso mundo está morrendo por algo que ninguém vê. É filho matando pai, pai matando filho, gente tirando brilho, um passa a perna outro cai, um quer entrar, outro sai já querendo se esconder, uns falam mal de você mas logo tão te querendo nosso mundo está morrendo por algo que ninguém vê. Há quem julga na aparência todo tipo de defeito, diz que é todo sem jeito, parte até pra violência falta de resiliência, amparada pelo prazer, na dor do outro se refazer, sem saber que está perdendo nosso mundo está morrendo por algo que ninguém vê. A diferença avança no excesso pra quem tem ainda diz fazer o bem, controlando a balança desnutrindo esperança de quem só quer o de comer, e não tem como viver toda vida assim sofrendo. nosso mundo está morrendo por algo que ninguém vê.”

A palavra é passada a Leonardo Argolo, circo de Ibicoara. “Lá em Ibicoara a gente não tem o Conselho de Cultura articulado. Começamos a se articular pela sociedade civil, fizemos uma análise do mapa cultural com apoio do André Rhomero. A gente procurou fazer uma formação para os conselheiros, que muitos não eram de Ibicoara e tinham o privilégio do letramento universitário e ou não representamos o povo nativo. Estamos no movimento de conseguir um encontro com o poder público, pra que possamos encaminhar nossa minuta de Lei, porque sem Conselho a gente



não tem plano, não tem nada. Muitos de nossos fazedores de cultura dependem de bicos. Precisamos do poder público ao nosso lado.

A palavra é passada a Hugo Leonardo da Silva, Coletivo Nau Nascente - Volta da Serra - Palmeiras. “Nossa relação com a gestão Estadual de cultura andou muito ruim. Foram centenas de situações incompreensíveis, de tirania. Um nível de humilhação que sentimos nos últimos anos foi terrível. A experiência com a gestão estadual foi de inimiga. Além de não ter o apoio temos que pagar advogado pra dialogar com a Secult. Esse caso de comprovante de residência e outras tiranias. Eva citou aqui quanto temos que abrir mão de nosso ego. Eu votei em Jeronimo mas para isso tive que votar, mas votei chorando, só de pensar nas situações em que fui humilhado ali. Eu coloco uma questão: não mudou o partido, mudou o governador e deve mudar a secretaria. Estou como conselho municipal e me importa entender como ser um conselho sem ser um braço da gestão municipal, porque não quero repetir esses corredores de humilhação.”

A palavra é passada André Rhomero, diretor de cultura de Ibicoara. “Cada parte da terra é sagrada pro meu povo, somos parte da terra ela é parte de nós”. Saúdo a todos do território, fui citado no discurso de Leonardo, de Ibicoara. Eu vim há vinte anos, moro há doze anos e a política cultural caiu há doze anos. Pegamos o fundo do poço, onde chega 160 mil para a cultura e a prefeitura deixa votar. Entrei para a política, por causa de um político, com o lema se você tem pouco amor não faça, se você tem muito amor faça, Gilmadson Melo, prefeito de Ibicoara. Ele tentou várias vezes ser eleito e quando ele conseguiu ele me disse que me queria na Cultura. Quando ele foi eleito ele falou eu quero você na cultura. Quando entrei foi ver na conta 165 mil. Seguramos o dinheiro, abrimos uma reunião mensal da sociedade civil, como uma ouvidoria, conseguimos 14 pessoas. Ainda não tem conselho. Fizemos o mapa sendo pra saber quem faz cultura. E a gente conseguiu premiar e até hoje estamos com a assessoria de Shaolin e de Emerson Rodrigues, nosso secretário de cultura. Quero trazer esse lado, dizer que o conselho vai ser formado. Hoje eu tô desse lado na política, mas meu serviço é para o bem comum.

A palavra é passada para Francinaldo Silva de Souza (Naldão) diretor de Cultura de Morro do Chapéu. “Esse planeta senhores é bom pra se viver e ser feliz, sem fabrico de metralha, sem granada nem fuzis. Sem conflito nem desgraça, sem preconceito de raças e sem divisão de país. E alguém que se maldiz, quando chora tem razão, tanto amor que há na terra, tanta fartura no chão,



compartilha a mesma dor o corpo que pede amor e a boca que implora o pão. Auxilia o seu irmão, se sobrar da dua ceia, não seja como o avaranto que está de barriga cheia se enforcando no alimento sem tomar conhecimento da fome da casa alheia. Dê ajuda ao que passeia pelo deserto de espinho. Pode um desafortunado interditar seu caminho e sua sorte pode mudar se você quiser gozar do paraíso sozinho. Tem que passar por espinho quem a prole semeou, cada um colhe do fruto da semente que plantou. Ninguém é infalível, a lei é inflexível, perpétua e nunca mudou. Velho mundo professor, que nos ensina a viver, por essa existência afora temos muito que aprender, pois nós ao deitar rezamos e ao levantar guerrilhamos para poder sobreviver. Cada um pode fazer do seu trabalho a sua prece, mas aqui vai um conselho a quem muito se envaidece, não zombe da sorte magra pois o povo que consagra é o mesmo que esquece. Ivanildo Vila Nova”. A gente, na militância cultural em 2012, chegou em Morro do Chapéu dava a parecer que esse povo do interior é muito dengoso, não se qualifica e depois diz que Salvador era o culpado. A gente foi aprendendo como é que gira a roda da gestão e avançamos muito. A maioria das conquistas surgiram de Fóruns como esse. Aldir Blanc que foi um grande exemplo de que a gente também sabe gerir, com isso fomos ocupando os espaços. A gente está vendo a coisa girando. Nós fazedores de cultura temos que ocupar sim os cargos políticos. A gente em vez de achar que somos apolíticos temos que mudar. Somos agentes políticos. A esperança é com ação sem ação ela é espera. Amanhã temos o evento da consciência negra e trouxe o secretário de cultura.

A palavra é passada para Emílio Tapioca, RTC e Codeter. A gente enquanto Codeter e Câmara Técnica foi buscar recursos pra esse evento e não foi fácil de conseguir esse recurso nesse momento. Estava acordado, durante as minhas visitas.

Intervenção Cultural com o grupo de percussão de Jair Percurssão.



GRUPO JAIR PERCURSSÃO – PALMEIRAS FOTOS: TATI OLIVEIRA



Às 14h30 INICIA-SE A APRESENTAÇÃO "RESGATE DO PLANO TERRITORIAL DE CULTURA DA CHAPADA DIAMANTINA DE 2015"
- VINICIUS MORENDE

Vinicius Morende, professor da Uneb Seabra e membro da Câmara Técnica de Cultura da Chapada Diamantina. “Estou como Professor Substituto aqui da UNEB. É um prazer receber todo mundo aqui. Nos últimos meses essa casa vem se colocando como um espaço aberto, não só para a educação mas para outros campos. A cultura é um dos campos que a gente quer abraçar cada vez mais, assim como o meio ambiente, a agroecologia. Temos feito uma série de ações, como Feira de Agroecologia e projetos de pesquisa para discutir como que a gente consegue fazer a Chapada Diamantina crescer e se desenvolver, gerar emprego de uma forma sustentável. Queremos que a UNEB supere o papel de basicamente formar professores da rede pública. Hoje em dia a gente tem um curso de Comunicação Social. Queremos colocar a UNEB à disposição para quem tiver ideias de projeto culturais que de alguma forma se envolvam com a educação. A Escola Livre Audiovisual é um dos projetos nossos, e que está realizando a cobertura do Fórum e é um projeto de cultura que está dentro da Universidade. Boa parte do pessoal que tá trabalhando com a produção do ForTeCultura ou já foi ou é aluno de jornalismo. Desde 2018 a gente viu muito pouco recurso chegar para Cultura inclusive o poder público deixando de investir, tanto o Estadual quanto Federal. Na educação caiu também, mas uma coisa que eu sempre falo dentro da câmara técnica de cultura é que a gente tem que expandir a nossa atuação para outros segmentos.

A gente entende que precisamos estar organizados em Conselho Federal, Conselho Estadual, Conselho Municipal, assim como ter um plano Federal, um plano estadual, um plano Municipal. Temos que fazer todos esses ambientes institucionais conversarem, com recursos passando de governo federal para governo estadual e municipal. O fórum é um dos elementos dessa estrutura formal da Cultura. Teríamos então os Conselhos como um dos principais elementos, as conferências de Cultura e os planos. Em 2013 foram feitas 21 conferências municipais municipais na Chapada Diamantina. E dessas conferências municipais saíram uma série de demandas da sociedade civil. Reunimos essas propostas e fizemos um uma conferência territorial, em Lençóis. Da conferência territorial a gente definiu prioridades que foram levadas para a Conferência Estadual e da Bahia. Em 2015, como a gente via que não tinha previsão de Conferência a gente fez uma o I Fórum Territorial tentando de alguma maneira articular, trazendo 21 municípios. De lá saíram metas e ações que a gente julga como atuais, porque vieram desse processo, dos municípios para o



território. Precisamos sim atualizar, mas pensando revisitar para em seguir em frente. Ver o que a gente razoavelmente conseguiu colocar em prática.

Apresentação dos grupos de trabalho e das metas do I Fórum Territorial de Cultural a partir do documento referência.



PÚBLICO DO FÓRUM E VINICIUS MORENDE FOTOS: TATI OLIVEIRA

Passa a palavra para Emílio Tapioca: É importante lembrar que nós estamos implantando um Fórum permanente, que vai estar virtualmente, com livre acesso para que todos aqueles que atuam no campo da cultura território ou também de outros territórios possam contribuir. Mas é importante lembrar que a ideia é que a gente construa isso com prazos. Compreendendo o tempo de cada um, a maturação dos processos de implantação do sistema municipal, refletir a participação dos conselhos municipais de Cultura e todo mundo possa contribuir. Pensamos que as contribuições de vocês devem chegar até o final do ano, para que no Terceiro ForteCultura aconteça a grande plenária de aprovação e a apresentação para o governo do Estado.

ÀS 15H00 INICIA-SE A APRESENTAÇÃO "APRESENTAÇÃO E ORIENTAÇÃO DO USO DA PLATAFORMA REDE CULTURA VIVA" - PEDRO JATOBÁ

Pedro Jatobá, programador, membro da Rede Cultura Viva, Universidade Livre Chapada Diamantina e membro da Câmara Técnica de Cultura da Chapada Diamantina. “Boa tarde a todas e a todos, eu faço parte da Universidade Livre da Chapada Diamantina, estou há dois anos no Conselho e Desenvolvimento Territorial. A ideia é gente montar um espaço permanente da sociedade para debate das políticas culturais participarem. Participo da Rede Cultura viva há muitos



anos, já fui para muitas teias, fóruns, reuniões, onde muito foi discutido foi tirado cartas foi tirado documentos e depois quando a gente vai procurar essas coisas a gente não sabe onde está, não sabe para quem pede nem se está legitimado realmente. Essa é a realidade de quem enfrequenta o debate à construção de políticas culturais, não só no território da Chapada onde eu tô há mais de cinco anos. Já fui presidente do conselho de Cultura lá de Mucugê atualmente sou suplente da música de Luciana. Sempre me incomodou a impossibilidade de nós ativistas da cultura não termos um espaço onde nós consigamos nos encontrar e construir políticas. Eu vejo o uso da tecnologia, principalmente agora na pandemia, muita das redes sociais numa perspectiva de crítica, de cobrança, mas como se fosse um grito de desespero, sem necessariamente um devido lugar legítimo para onde a gente possa realmente colocar as nossas críticas e nossas sugestões. É o meio que eu vou gritar para ver se alguém me escuta, vou ver se eu incomodo gestor aqui na no Facebook, no Instagram, para ver se eu consigo alguma coisa. Então o que queremos propor aqui e eu agradeço muito o atual gestão do Codeter por ter pensado isso comigo e aceitado esse desafio, é montar uma plataforma permanente de construção e debate da cultura. São três temas: Rede Cultura Viva, que é essa plataforma cultura.chapada.ba, por onde todo mundo entrou para fazer as inscrições no Fórum. Cidadania Cultural, que eu acho que é um conceito atual do momento que a gente está vivendo. Através da Cultura a gente pode estar plantando uma semente para outros tipos de cidadania no nosso território. Gilberto Gil gostava muito de dizer que com 1% a cultura tem que consertar os outros 99% do orçamento. A grana das parteiras que tá no ponto de cultura deveria vir da saúde; é o dinheiro da cultura digital que ensina software Livre, era para vir da ciência e tecnologia; mas vem tudo de 1% da cultura. Então a rede Cultura Viva vinha para trazer ajustes, por onde a gente estaria participando do cotidiano do nosso bairro, do nosso município, território. Mas não tem gestor público que queira botar isso em pauta, perder o seu poder e botar isso na mão da sociedade. Talvez pela cultura a gente comece a plantar essa semente. Hoje a gente tá debatendo metas do nosso plano territorial de Cultura. Amanhã a gente pode estar debatendo o orçamento do nosso bairro do nosso município, a ferramenta é a mesma, a questão é que a cultura está aberta a esse processo. Será que o nosso prefeito está aberto a esse processo no nosso município? Então a gente precisa primeiro plantar a semente e mostrar para a sociedade que é possível, que tem um outro tipo de cidadania, não só de votar de 4 em 4 anos e reclamar os outros três anos e meio. Podemos debater e registrar. E se houve uma participação maciça da população, isso fica registrado. Não é um pedaço de papel, é um documento que tá aqui e tá na mão da sociedade civil. Não vai ter gestor que vai tirar isso do ar. A gente botou isso no ar como sociedade civil e para tirar vai ser um trabalho. Se a gente legitimar



esse canal não depende de mim. Eu sou pedreiro, eu fiz da obra, mas isso aqui é do Codeter e de 24 municípios. Se vai ficar vazio ou cheio é um desafio nosso. Meu objetivo era montar algo que não desabasse na cabeça de vocês, que tivessem facilidade de usar, mas como vai ser usado não cabe a mim. Quando o pedreiro constrói uma casa ele não sabe como é que vai ser usada a casa, ele espera que o quarto seja utilizado como o quarto. Na plataforma trabalhamos alguns conceitos, o primeiro é o de protagonismo. Você publica os seus conteúdos, não tem um moderador, não tem uma pessoa que vai escolher o que entra e o que sai. Quando você solicitar o seu cadastro você vai ter a autonomia de publicar informações de decidir de consultar a partir da sua conta, visibilidade igual para todos, com algoritmos que promovem igualdade de oportunidades. Não é um algoritmo onde quem paga é visto primeiro. O objetivo da plataforma é que os 24 municípios estejam aqui representados de maneira igualitária e depende de cada município fazer seu dever de casa e divulgar suas informações, digitalizar acervos locais, para que cada município divulgue seus artistas, coletivos, eventos. O foco de hoje é a participação social e a tomada de decisão coletiva. Tem um Fórum na plataforma onde a gente pode ter discussões sobre o nosso território, consultas coletivas. Hoje vamos focar no deliberativo do fórum e o que eu sugiro é que possamos ver essas outras partes com calma, pensar em outros momentos, focados por município, região, ter momentos de capacitação dessa plataforma.”

Pedro Jatobá explica o layout da plataforma, onde estão dispostos o menu de login e formulário de solicitação de cadastro.



PEDRO JATOBÁ – FOTO: TATI OLIVEIRA



A palavra é passada a Emílio Tapioca - Tem uma consulta pública aberta e temos que decidir qual o melhor prazo, final de dezembro. Pergunto a vocês qual é o melhor prazo.

Após questionamento à plateia fica pensado um prazo para depois do carnaval.

A palavra é passada a Melissa Zonzon – Acho a ferramenta genial porque facilita o encontro. A minha dúvida é se essas metas e propostas são construídas no diálogo.

A palavra é passada a Pedro Jatobá – A plataforma tem os Fóruns. É ali que você pode adicionar tópicos, mas pode criar sugestões mesmo sem passar pelo Fórum. Vai ficar registrado o nome do proponente e o Codeter vai conseguir identificar de onde vem a proposta.

A palavra é passada a Melissa Zonzon – Tenho algumas considerações sobre a viabilidade disso ou sobre uma possibilidade de Caos nas informações.

A palavra é passada a Pedro Jatobá – A gente tem um trabalho inicial de entender essa plataforma, pensar em momentos de formação, focada em quer quer usar a ferramenta.

Juvenal Payayá – Estou tentando entender. Esse espaço concebeu uma plataforma de vendas?

Pedro Jatobá – Pensamos nisso mas ainda não conseguiu recursos e mais a frente podemos ampliar a plataforma.

A palavra é passada a Emílio Tapioca – Sobre a questão levantada por Melissa, vamos criar filtros pra buscar organizar as temáticas.

Pedro segue mostrando a projeção das telas da plataforma brevemente e convoca a sociedade para inscrever os seus projetos e as metas que acha necessário para o projeto.

Às 16h30 INICIA-SE A APRESENTAÇÃO "INTERVENÇÃO ARTÍSTICA"



INTERVENÇÃO ARTÍSTICA CAPITÃO CORISCO, RAUMI E ARTISTAS – FOTOS: TATI OLIVEIRA



Às 17h30 INICIA-SE A "RODA DE CONVERSA SOBRE A LEI PAULO GUSTAVO E ALDIR BLANC II, DESAFIOS E MECANISMOS DE EXECUÇÃO"

Shaolim Barreto, consultor em políticas públicas culturais. “Sou natural de Morro de Chapéu, atualmente moro no município de Luís Eduardo, estou Conselheiro Municipal de Cultura no município e Conselheiro Suplente do Conselho Estadual de Cultura. Estou concorrendo a uma vaga ao Conselho Nacional de Cultura representando no nordeste do país. Vou ser breve nessa roda de conversa porém eu estarei aqui ainda amanhã o dia inteiro e podemos ter algumas conversas pontuais. Nós tivemos toda uma movimentação no período de pandemia, para a construção da lei Aldir Blanc, que vem do uso do Fundo Nacional de Cultura de forma descentralizada. Isso é uma coisa histórica. Essa Lei acontece no seguinte contexto, ouve uma PEC feita pelo Governo Federal que autorizava ele a utilizar os super ávites de todos os fundos como ele quisesse e teve que se pensar rapidamente o que se faria com o super ávites do governo. Existia um acordo entre oposição e governo, de que se a PEC fosse aprovada a Cultura iria ficar fora disso. O Acordo não foi cumprido por parte do governo e os recursos do super ávites do fundo de cultura do Fundo Nacional da cultura e setorial do audiovisual ficaram à disposição do Governo Federal para ele fazer o que quisesse. O presidente fez uma entrevista falando que ele queria utilizar esse recurso para pagar a dívida do agronegócio. Então em meio uma pandemia, com a cultura sendo afetada de diversas maneiras, se pensou como salvar esse recurso e manter isso na cultura. Então surgiu a proposta de se criar duas leis, a Lei Paulo Gustavo e a Lei Aldir Blanc II, garantindo que o super ávite fosse utilizado para a cultura. Superados os trâmites de votação no Congresso, no Senado, seguiu para Sansão do Presidente, que vetou o projeto. O Congresso deliberou sobre esse veto e derrubou o veto do Presidente. A Lei então teria que ser sancionada. Mas o Governo faz uma Medida Provisória com o intuito de adiar a execução das Leis. No dia 29 de agosto de 2023 entramos então com um processo no Supremo para se julgar a questão da inconstitucionalidade. No Dia Nacional da Cultura, dia 5 de novembro, uma decisão da Ministra Cármen Lúcia torna sem efeito a MP. A MP então continua no Congresso, porém ela está sem efeito. Outro ponto é que a proposta de Lei Orçamentária que o governo aprovou para o ano que vem não tem recursos previstos para Audir Blanc 2 e a Lei Paulo Gustavo tem prazo de execução 31 de dezembro. Na PEC da transição foi posta uma proposta de reajustar de orçamento onde se garante o recurso da Audir Blanc 2. Isso ainda vai ser votado no congresso e é muito importante esses momentos aqui de mobilização, pra gente entender que não acabou a luta, temos uma perspectiva infinitamente melhor, o Congresso já



se posicionou favorável, mas a gente não pode agora relaxar, precisamos garantir o orçamento, fazer com que a execução da Paulo Gustavo seja prorrogada para o ano que vem. Outro desafio para executar essas duas leis a prestação de contas da Lei Aldir Blanc I. Eu lido diretamente com diversos municípios e a gente escuta muito que o município que ainda estão no processo de prestação de contas e muito gestor fala que não está preparado para entrar em um novo processo.”

Às 18h30 INICIA-SE A "AULA ESPETÁCULO SERTÕES CONTEMPORÂNEO, DE GISLENE MOREIRA"

No espetáculo Sertões Contemporâneos, a professora-doutora Gislene Moreira mistura cantoria, poesia e teatro numa narrativa pelas transformações políticas, econômicas, sociais e culturais do sertão baiano.



Às 19h30 INICIA-SE A APRESENTAÇÃO DE DENE REIS.

Música Popular Brasileira, com artista de Seabra, encerrando o primeiro dia de atividades.



4. Dia 18

Às 9h30 As lideranças indígenas puxaram um Toré

Às 9h45 INICIA-SE A APRESENTAÇÃO "SONS DA CAPOEIRA", COM A ACADEMIA DE CAPOEIRA GRANDE PEQUENO SOU EU, CONTRA-MESTRE BESOURO (AILTON CARMO). CAPOEIRA, SAMBA DE RODA, ATABAQUES.



CONTRA-MESTRE BESOURO E ALUNOS DA ACADEMIA GRANDE PEQUENO SOU EU – FOTO TATI OLIVEIRA

10:30H RODA DE CONVERSA – "CHAPADA DIAMANTINA, UM PATRIMÔNIO SINGULAR E PLURAL."

A palavra é passada a Evanice Lopes – Conselheira Estadual de Cultura – Piemonte da Chapada Diamantina. Traz sua fala reiterando o legado da ancestralidade que não pode morrer, reivindicando ainda mais o poder da cultura e importância para seu povo. “A história é a memória do povo”. A memória dos povos originários está em ambos os territórios. Traz o exemplo da função cultural das romarias e dos romeiros para Bom Jesus da Lapa e do processo de reconhecimento da Romaria do Bom Jesus da Lapa como patrimônio imaterial da Bahia. O processo iniciado em 2017 pelo governo estadual passou para a Câmara de Patrimônio da Bahia, sob relatoria de Evanice.



A palavra é passada a Nélia Paixão, arquiteta e pesquisadora. Traz em sua fala suas ancestralidades e o sentimento de pertencimento e de seu sonho de morar na região da Chapada. A pesquisa e interesse na trajetória real, de seus diversos potenciais educativos e econômicos. A estrada real como possibilidade para o turismo. “É preciso que os povos originários e os descendentes façam esse trabalho” (criação coletiva de turismo pela estrada real), é preciso priorizar(...) A chapada é nossa, mas pode ser de todos, nós somos protagonistas e quem vem de fora também. É preciso a ampliação dos horizontes culturais e turísticos da Chapada Diamantina.”

A palavra é passada a Eugênio D’Ávila Lins, arquiteto, Palmeiras (BA). “Boa tarde a todos. Sou arquiteto, fui professor e pesquisador na UFBA, trabalhei no IPHAN e hoje estou aposentado. Tenho grande experiência de pesquisa aqui. Em 2015 o IPHAN começa a fazer um trabalho de Inventário do Patrimônio Imaterial, com a implementação da metodologia do INRC (Inventário Nacional de referências Culturais) e começa a fazer por Estados brasileiros a aplicação do INRC com Mestres e Artífices da Construção Tradicional Primeiro foi feito Minas Gerais, depois Santa Catarina, Pernambuco. Então o IPHAN procurou a universidade para a gente fazer uma parte da Bahia desse inventário. Havia uma discussão de onde localizaria esse projeto na época, poderia ser na Costa do Descobrimento da Bahia. Eu argumentei que deveria ser localizado na Chapada Diamantina, tendo em vista que a costa do descobrimento já tinha muitos estudos. O projeto foi direcionado para Chapada Diamantina em função dos recursos e durou três anos. O foco dele era os mestres e artífices da Chapada Diamantina. A metodologia do INRC pede que para você chegar no mestre você tem que entender o mundo do mestre! Então foi feito primeiro uma varredura onde se levantou todas as manifestações culturais. Fizemos audiências em vários municípios antes de iniciar o projeto, porque ele só funciona com apoio da população. Quem indica os mestres não somos nós, é a própria população que vai num processo de reconhecimento. Era uma equipe multidisciplinar, de antropólogo, sociólogos, arquitetos, comunicadora. O encerramento desse projeto se deu com uma publicação em Lençóis e depois eu fiz questão de ir aos 24 municípios, fui a todos os mestres, a todas as secretarias e a todas as prefeituras entregar o exemplar e o CD produzidos. Isso é apenas uma parte dos resultados. Todas essas informações foram para Brasília, na época a ideia era criar um banco de dados que estaria conectado também a nível mundial, onde você pudesse acessar com a finalidade principal de valorizar esses profissionais, ajudar a economia local. Esse trabalho mostrava que na Chapada Diamantina não precisamos só importar blocos, nem outros materiais construtivos industriais, quando a gente tem aqui pessoas que fazem e fazem muito bem feito, com



a qualidade excepcional. Eu espero que esse projeto possa se estender pela Bahia toda futuramente também pelo Brasil.

Outro projeto é o de Igatu. É um projeto do Ministério Público, que precisava aplicar uma multa e foi muito feliz e inovador. Eu fui convidado para coordenar a equipe desse projeto, que em 2018 e que tá fazendo justamente um ano onde a lei municipal e a legislação foi aprovada pela câmara municipal. A gente fez um trabalho de Geologia, de Botânica, Meio Ambiente, da questão arqueológica e principalmente o trabalho com a população. Geramos quase 100 mapas. Esse trabalho deve ser um modelo para outros lugares. Hoje qualquer bem para ser declarado Patrimônio Mundial você precisa fazer uma pesquisa sobre a significação. Saber o que a população, especialistas, instituições, dão a esse bem. São mais de 700 páginas todo o material foi documentado, tudo foi transformado em tabela de valor e temos ali a resposta da população. Para finalizar, quando a população de Igatu fala de maior valor de patrimônio, não foram as pedras, foi o silêncio. Cada lugar em Igatu tem um som.

Para finalizar, são várias estradas reais na Chapada Diamantina. Eu descobri uma na biblioteca de Lisboa, um empreendimento que teve na Chapada em meados do século XVIII para escoar a produção das Minas de Sal. A coroa mandou construir uma estrada de Cachoeira até Palmas de Monte Alto para explorar o salitre para abastecer a fábrica de pólvora de Salvador e de Lisboa.



EVANICE LOPES, EUGÊNIO LINS E NÉLIA PAIXÃO
FOTOS TATI OLIVEIRA

A palavra é passada a Emílio Tapioca – Mediação e fala sobre a importância do Projeto Sítios Arqueológicos.



A palavra é passada a Ana Carolina, Coordenadora da Feira Agroecológica da Chapada Diamantina. Traz a importância de feira ser uma expressão cultural e de arte. Ela cita um produto vendido na feira, como um exemplo de representatividade nativa como o óleo de licuri, dentre outros. É preciso a valorização dos produtos da comunidade e o conhecimento dos agricultores, que são passados por gerações. Por fim faz um convite para o público visitar a feira e levar produtos de qualidade para sua mesa. “Sobre as falas da estrada real, sabemos que a estrada real ela trechos bem degradados como na área de Estiva, mas a gente precisa falar das Pedreiras a gente precisa ter um olhar atencioso para essas Pedreiras que estão na ilegalidade quando não deveríamos. Temos nelas mestres com conhecimento profundo sobre o quebrar da pedra criminalizado. Sobre a feira, eu comecei a desenvolver esse trabalho, com a professora Gil, junto com os agricultores do território. Essa proposta nasce em 2019 e teve sua primeira edição em 2020, sendo interrompida pela pandemia. Retornamos neste ano. A feira também é objeto de uma especialização que eu estou concluído agora. Pra mim esse projeto foi uma grande surpresa porque quando eu pensei em trabalhar com a feira na minha cabeça e na minha ideia a feira era um local de comércio. A gente coloca esse produto na barraca e vende. Eu vou na medida que as feiras acontecem que é mais um processo de diálogo, de ocupar os espaços da educação, de dialogar com a Cultura, trazendo escolas pra visitarem artistas pra se apresentarem, parceiros para a gente dialogar sobre agroecologia e tantos outros assuntos que são necessários aqui no nosso território. A própria feira ela é toda essa manifestação e essa expressão cultural do povo do campo do território. Se pegarmos a questão do Licuri. Eu venho de uma experiência acadêmica, de mestrado, doutorado, onde a gente via a extração do óleo do licuri em laboratório. Na feira a gente consegue alcançar toda a memória de uma produção como a da comunidade Brejo de João Alves. Na conversa com os feirantes eles vão trazer todo um conhecimento ancestral, adquirido desde a infância, vendo a família fazendo e se envolvendo com todo processo, desde a coleta, a limpeza, a quebra, o aproveitamento da palha. Muitas vezes a gente vai para uma feira a gente não valoriza esse conhecimento. Esse produto é a manifestação da cultura do povo.

A roda de conversa continua com diálogo aberto ao público, com trocas de experiência e debates.

A palavra é passada a Juvenal Payayá - Traz em suas falas a importância de trabalhos e pesquisas que enaltecem a cultura das comunidades que resistem ao agronegócio, ao capital hegemônico que induz o povo a plantar uma semente modificada e mais produtivas. “Quando a



gente forma uma feira a gente olha para o agricultor não somente aquele que está lá produzindo a comida que eu vou levar para casa e vou descartar a parte daquele produto no lixo, mas como alguém que está com toda uma bagagem cultural e ancestral de produção do alimento. Falamos muito das construções, da música, teve capoeira mas muitas vezes não falamos da cultura da alimentação que garante soberania e segurança alimentar, que garante que a gente tenha realmente comida saudável no nosso prato todos os dias.

A palavra é passada a Gislene Moreira, Coordenadora do Curso de Jornalismo UNEB Seabra

“Todo esse trajeto que se apresenta começa a arrepiar pois ele é o roteiro da expansão eólica na Chapada Diamantina. Todo esse roteiro que a gente fala é o roteiro da exploração da colonização quando chegou aqui para roubar todos os nossos tesouros e matar o povo indígena que habitava nessas terras. E aí não é o roteiro do passado. É hoje, é o agora, eu conheço várias comunidades algumas delas estão ali nas barraquinhas, tentando sobreviver ao processo de destruição atual, que eu chamo de neocolonização. Ontem quando a gente tava fazendo festa aqui, Dona Roxinha um patrimônio vivo da comunidade da Bocaina, a maior reiseira daquele território, faleceu. Por conta de uma série de questões mas muito pela depressão da destruição que a mineração de Ferro fazia na comunidade dela. Estou desde de manhã bem mexida com isso porque a gente está falando de preservação de patrimônio mas a gente fala muito dessa mineração e um medo que eu tenho é de que a gente esteja legitimando ou ao mesmo tempo mantendo viva essa ideia de que a mineração deixou alguma coisa de boa para Chapada. Tirando essa estrada que nada mais era do que os caminhos as rotas indígenas e que serviam para roubar tudo que a gente tinha, o que ficou foram casarões degradados, miséria pobreza extrema, vidas violadas, abusadas. Enfim, o que a mineração deixou de real de patrimônio para esse território? Porque a gente olha muito para o patrimônio Mineiro. O ponto central do debate aqui é como é que a gente vai começar a tomar vergonha e olhar para Chapada agricultora de Comunidades Quilombolas, Indígenas remanescentes que estão em processo de reafirmação, que se esconderam nessas terras e que agora estão sobre ataque. Temos muitas comunidades em processo de sedução pelo projeto das eólicas, como se aquilo ali significasse a salvação. O que está em jogo são modos de vida modo de vida. Nosso novo Governo é lindo mas a gente tem que pegar no pé dele porque ele está lá com um bocado de loira seduzindo. A gente tá discutindo há algum tempo isso, mas ninguém dá ousadia pra mulher pequena. Ninguém liga que há necessidade de tombamento da Serras da Chapada, não é de um casarão. As serras da



ÀS 14 INICIA A RODA DE CONVERSA "CPF DA CULTURA"

Emílio Tapioca convida os colegas RTCs presentes: Lais, Território de Irecê, Jean Lemos, Piemonte da Chapada Diamantina, Piemonte do Paraguaçu, Bia Bastos, Bacia do Paramirim, Karla Cajaiba, Território Jiquiriça. Emílio Tapioca reforça que a missão e atuação dos RTCs acontece no diálogo sobre política pública cultural dos territórios e sobre a tríplice Conselho, Plano e Fundo.

Passa a palavra para Karla Cajaiba, RTC Vale do Jiquiriça. *“Embarca morena embarca, molha o pé mas não molha a meia, eu vim lá de Brejões fazer cultura em terra alheia. Venho de Brejões, Vale do Jiquiriça. Agradeço a Mestra Lilian e a Mestre Márcio. Estou aqui nessa posição hoje, mas sou antes fazedora de cultura, grão aprendiz, atriz. Nosso território é próximo e estou muito feliz e agradecida a Emílio Tapioca por ser esse mestre que está nos ensinando tanto. Foi muito importante escutar cada fala de vocês. Temos uma lida diária de ir de cidades a cidades falando da importância da sistematização da cultura e na busca pela participação nessa construção e desconstrução que é fazer cultura.*

A palavra é passada a Bia Bastos, RTC Bacia do Paramirim - *“Venho de um trabalho com organizações sociais. Estou RTC e finalizando uma pesquisa sobre os Políticas Públicas, direito à Cultura e sistemas municipais de cultura no meu território. Em eu tenho trabalhado desde agosto nesse diálogo e é um processo muito lento. Temos quatro municípios que não tem nem lei. Tivemos que fundar uma Câmara Técnica de Cultura, que aconteceu no mês passado com apoio do Codeter. Reforço a importância de fazer esse intercambio entre os territórios. Nós também temos a questão das mineradoras e dos circuitos arqueológicos.”*

A palavra é passada para Girlei de Souza, RTC - *“Sou escritora, professora de história e estou fazendo uma pós-graduação em história da arte. Como escritora eu trabalho principalmente a fonte oral. Estar aqui foi muito importante, foram muitas trocas culturais, muita informação.”*

A palavra é passada a Geo Lemos, RTC Piemonte da Diamantina. *“Meu território é vizinho e preciso agradecer a esse momento pois saio daqui tendo conhecido o Cacique Payayá. Em minha terra, que foi uma aldeia indígena, não temos nada preservado. Cacique, você me representa. Esse*



trabalho de RTC é difícil. Um agente cultural ontem falou sobre os cargos de indicação nas prefeituras. Esse é um problema que encontramos no nosso território também. Mas eu trago um caso que penso que deu certo, de Jacobina. Nós lá nos organizamos, elegemos representações por setorial e antes do prefeito assumir a gente já colocou as demandas da pasta da cultura.”

A palavra é passada para Laís Abreu, RTC Irecê. “Sou filha de São Gabriel, na terra da cantoria. Nasci, cresci, me criei nesse evento que está completando 30 anos. A Câmara Técnica de Cultura tem sido nossa estratégia de fortalecimento, além do acompanhamento individual junto aos municípios. Há muita dificuldade de diálogo com as prefeituras, primeiro pela falta de compreensão da cultura como um direito humano.

A palavra é passada a Gilmara Lima, Secult. “Estou na Secult, dando sustentabilidade a essa galera que está aqui. Sou formada em administração e dou o apoio à implementação dos trabalhos dos RTCs. É muito importante estar aqui nesse Fórum porque eu não tinha visão dos trabalhos que os RTCs fazem e essa foi uma oportunidade muito grande para mim.

A palavra é passada para Emílio Tapioca, RTC Chapada Diamantina. “Tenho falado que este fórum faz parte de uma estratégia de formação permanente. Nós ontem mostramos como funciona. Falamos sobre o uso da nossa plataforma e é importante trazer aqui para essa mesa um pouco mais de conhecimento sobre as leis incentivos à cultura”

A palavra é passada a Shaolin Barreto. “Eu não sou da Secult mas agradeço ter sido chamado a este espaço. Eu trabalho há muito tempo em diálogo com a Secult, contribui em grupos de trabalho para implementar a Lei Aldir Blanc. Quero reforçar que é muito importante pra gente enquanto fazedor de cultura se aproprie dos espaços, do entendimentos das lei, sistemas e estruturas que regem as políticas culturais. A gente precisa saber o que um recurso, uma LOA, um remanejamento que depois a Câmara vai aprovar. A plataforma é uma estratégia magnífica que se realmente for apropriado vai ser uma revolução. A minha fala vem nesse sentido, de que a gente possa se apropriar e ajudar, explicar a quem tem dificuldade e compartilhar as experiências.”

Às 16h00 INICIA-SE A RODA DE CONVERSA “RESISTÊNCIA E IDENTIDADE QUILOMBOLA NA CHAPADA DIAMANTINA.”



EXIBIÇÃO DO CURTA-METRAGEM COMUNIDADE QUILOMBOLA DO MORRO REDONDO

Após a exibição do documentário que mostrar as riquezas e as origens da comunidade quilombola de Morro Redondo, Seabra, Ba, a diretora Joene Xavier fez uma fala sobre a importância de estimular ações como as da Escola Livre Audiovisual, que viabilizou a produção e de estar em espaços de educação, como o IFBA e a UNEB. “A gente buscou expressar a importância de sempre valorizar nossas raízes e memórias que não devem ser esquecidas ou silenciadas, as memórias de um povo que tem muito a compartilhar. O grande desafio é não deixar a cultura acabar pois antigamente a comunidade tinha muita gente e hoje em dia diminuiu por conta da necessidade de buscar de uma vida melhor”

A palavra é passada a Rose Caroline Oliveira, do Coletivo ELA, Boninal. Rose Caroline [e liderança jovem feminina quilombola da Cutia, em Boninal. Traz em sua fala a emoção de ver resultados como o apresentado por Joene, cursista da formação ELA Ancestralidades, da qual Rose foi diretora.

A palavra é passada a Carlos Eugênio Pires da Costa, coordenador do Codeter. "Saudações a todos os participantes pela realização deste evento, precisamos de mais momentos como estes para que possamos fortalecer nossas raízes. Venho de uma comunidade quilombola, a Fazenda Velha em Andaraí, muito jovem ainda, como muitos outros chapadeiros só tínhamos o garimpo como meio de sobrevivência, vida difícil e arriscada para todos nós. Quando fecharam o Garimpo e criaram o Parque Nacional, ficou ainda difícil, então tive que ir trabalhar em São Paulo e Rio de Janeiro. Morei na favela, virei motorista profissional, dirigindo ônibus dia, noite e madrugada levando pessoas pra tudo que é lado, mas nunca esqueci de onde vim, do meu lugar, da minha família, da minha comunidade, de Andaraí e da Chapada. Quando retornei vi que a nossa resistência tinha que ser de luta, de afirmação dos nossos direitos enquanto povos tradicionais, dito isso, fui eleito presidente da Associação dos Produtores e Moradores da Fazenda Velha e neste caminho de representação aqui no CODETER fomos eleitos pela segunda vez para coordenação geral, agora é avançar muito mais nas políticas territoriais e que fóruns como este possam trazer mais compromissos e realizações para o povo da Chapada Diamantina e da Bahia, muito obrigado a todos que se fazem presentes!”



A palavra é passada a Nelcy Freire, Diretora de Cultura de Palmeiras. Traz em sua fala a importância da cultura de Palmeiras e sua presença no Fórum. Enfatiza as lutas pelos direitos sociais e raciais, onde existem pessoas que desconhecem esse direito, e não estão sendo protagonistas de suas histórias.

A organização do Fórum entendeu que não seria possível, por conta do horário e da dispersão dos participantes, grande parte iniciou seu retorno aos municípios após o almoço, não seria o momento de realizar a aprovação de pontos para o plano de cultura, que estava prevista para ser debatida às 16h na programação inicial.

Por um problema no transporte, o Grupo Batukart não chegou ao local do Fórum.

ÀS 18H SE INICIOU A CELEBRAÇÃO FINAL: CULTURA É AGORA!

Apresentação do grupo Yayá Maseмба. Mulheres no Samba, Palmeiras.



GRUPO YAYÁ MASSEMBA – FOTO TATI OLIVEIRA



KID WILL, COORDENADOR DOS REPRESENTANTES TERRITORIAIS DE CULTURA EM REUNIÃO PARALELA À PROGRAMAÇÃO DO FÓRUM, NA MANHÃ DO DIA 18/11/2023

FOTO: TATI OLIVEIRA



FICHA TÉCNICA PRODUÇÃO DO II FÓRUM TERRITORIAL DE CULTURA DA CHAPADA DIAMANTINA

REALIZAÇÃO

UNEB SEABRA – DCHT XXIII

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO DO ESTADO DA BAHIA (SEPLAN)

CARLOS EUGÊNIO PIRES DA COSTA: COORDENADOR GERAL DO CODETER

APOIO

VIVER CULTURA E MEIO AMBIENTE

UNIVERSIDADE LIVRE DA CHAPADA DIAMANTINA

TV GRIÔ

SECRETARIA DE CULTURA DO ESTADO DA BAHIA (SECULT)

EQUIPE

EMÍLIO TAPIOCA: DIREÇÃO GERAL (REPRESENTANTE TERRITORIAL DE CULTURA – RTC, SECULT – CÂMARA TÉCNICA DE CULTURA, CODETER)

VINICIUS MORENDE: DIREÇÃO EXECUTIVA (UNEB SEABRA – CÂMARA TÉCNICA DE CULTURA)

EQUIPE CONTRATADA ARTEQUILOMBO E ESPAÇO LIVRE AUDIOVISUAL (ELA)

JOANA CRIVELENTE HORTA, COORDENADORA DE PRODUÇÃO, COLETIVO ELA

MARINA FRAGA, COORDENADORA DE PRODUÇÃO, CÂMARA TÉCNICA DE CULTURA

EDIVÂNIO (IDIA) BRANDÃO, CÂMARA TÉCNICA DE CULTURA

ROSE CAROLINE OLIVEIRA, COORDENADORA DE PRODUÇÃO, COLETIVO ELA

ÉRICA ARAÚJO, COORDENADORA DE PRODUÇÃO, COLETIVO ELA

DIOSVALDO NOVAES FILHO, COORDENADOR DE PRODUÇÃO, COLETIVO ELA

MAIARA LUANE DOMINGUES, COORDENADORA DE PRODUÇÃO, COLETIVO ELA

TATIANE OLIVEIRA, FOTÓGRAFA, COLETIVO ELA

IAGO AQUINO, CINEGRAFISTA, COLETIVO ELA

EQUIPE UNEB SEABRA

VINICIUS NAVARRO MORENDE – COORDENADOR DE ESTÁGIO E STAFF

ELÓISA DO CARMO OLIVEIRA – MONITORIA DE EXTENSÃO

MARTA DE MATOS SANTOS – MONITORIA DE EXTENSÃO

VALESKA MONIELLE TEIXEIRA – MONITORIA DE EXTENSÃO

RÔMELE DOS SANTOS ROZENDO – MONITORIA DE EXTENSÃO

TAÍS SOUZA BARROS – MONITORIA DE EXTENSÃO

Realização



